

# ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LETRAMENTO DIGITAL, TDICs: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nircelia Gomes da Silva<sup>1</sup>

Andrêsa Helena de Lima<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo, considerar as possibilidades do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) em sala de aula para a alfabetização e letramento de crianças na Educação Infantil. Com as TDICs utilizadas como recurso didático-pedagógico para a aprendizagem na Educação Infantil, fez-se necessário pensar questões sobre letramento digital e formação de professores. Para a investigação a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo que possibilitou identificar a produção de pesquisadores como Soares (2004, 2008, 2009, 2014), Coscarelli e Ribeiro (2005, 2011, 2014,), Coscarelli e Correa (2018), Lévy (2010), Kenski (2008), Kleiman (2006) que pensaram propostas para a utilização de tais tecnologias na alfabetização e letramento, letramento digital e formação de professores. Verificou-se, ao final da pesquisa, que as novas tecnologias são alternativas significativas para a educação, alfabetização e letramento de crianças, ressaltando a urgência da implementação das TDICs nas escolas. A interação entre crianças e docentes possibilitará o desenvolvimento do ensino, impactando diretamente a formação de todos os envolvidos.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Letramento digital. TDICs. Formação de professores.

## 1. Introdução

A reflexão sobre a Educação Infantil e práticas de alfabetização e letramento estão cada vez mais presentes nos debates de propostas de melhorias para a Educação. Essa preocupação se reflete em políticas públicas e projetos que ampliam a abrangência da Educação Infantil, incluindo a construção de creches, escolas e a necessidade da formação de seus professores. São muitos os desdobramentos a partir da reflexão de professores envolvidos. Percebe-se como pautas, a preocupação com a alfabetização, letramento e o letramento digital para o desenvolvimento de crianças.

Na introdução do livro Metodologia da Alfabetização, Valle (2013) apresenta a reflexão:

No mundo contemporâneo, ocorreram mudanças rápidas e significativas em muitos campos, inclusive no pedagógico. Porém, há que se considerar

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA.

<sup>2</sup> Professora de História, Especialista e Mestra em Educação (UFLA).

que as mudanças pelas quais os campos científicos e tecnológicos passaram nos últimos anos são imensas e proporcionaram, também, uma reestruturação da função da escola, ao retirarem dela a missão de ser a única transmissora de informação. As tecnologias, como se sabe, disponibilizam as informações em tempo mais rápido e atual que a escola. Essa nova realidade exigiu, entre outros aspectos, um repensar sobre a formação e a atuação dos professores que atendem à demanda infanto-juvenil, dado o desafio de educar crianças e jovens para a sociedade tecnológica em que vivem. (VALLE, 2013, p. 15)

Consequentemente, é necessário ao professor repensar sua formação e concepções teóricas para conseguir atuar como um educador mediador que possa fazer a diferença no mundo atual.

Considerando os pressupostos e a partir da experiência de palestrar sobre vigilância em saúde em escolas, o contato direto com os estudantes possibilitou-me perceber a necessidade da discussão sobre a utilização de novas tecnologias com as crianças como método que auxiliasse na alfabetização e no letramento.

Como seria necessário a escrita de um texto para a conclusão do curso de Pedagogia, vislumbrei a possibilidade de refletir a respeito dos conceitos de alfabetização, letramento, letramento digital, TDICs e formação de professores.

O texto foi organizado em Introdução para a exposição dos primeiros questionamentos e desejos para a escrita. O capítulo um apresentou reflexões sobre alfabetização e letramento. O capítulo dois tratou da discussão do letramento digital e relação com as TDICs. Para o capítulo três resolvemos explorar a necessidade da formação de professores para a mediação atenta nas escolas. Finalizamos com as considerações finais sobre a pesquisa realizada que poderá ser ampliada adiante, talvez em um curso de pós-graduação.

Preocupada em pesquisar a utilização de novas tecnologias, as TDICs para o processo de alfabetização e letramento, resolvi organizar o trabalho com foco nos objetivos a seguir:

### **Objetivo geral**

Analisar a importância das TDICs no processo de alfabetização e letramento.

### **Objetivos específicos**

- Perceber a contribuição do letramento digital para o processo de alfabetização;
- Apontar a importância da mediação no ensino e aprendizagem durante a formação de professores.

A metodologia utilizada para a escrita deste texto foi o levantamento bibliográfico sobre o uso de novas tecnologias na educação com crianças em processo de alfabetização e

letramento. Conforme explica Antônio Carlos Gil (1995), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Ressalta-se que em quase todos os estudos é exigido algum tipo de trabalho desta natureza, contudo, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, como o caso do presente trabalho.

Segundo Antônio Carlos Gil (1995), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplos do que aqueles que poderiam ser pesquisados diretamente. É também indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

Foram consultados artigos nas bases de dados do Scielo com a utilização dos descritores ou palavras chave: alfabetização, letramento, letramento digital, TDICs com o objetivo de fornecer um panorama conceitual das TDICs e sua possível conexão com as práticas pedagógicas no processo de alfabetização, pois o uso das novas tecnologias pode despertar o interesse das crianças para o aprendizado. A alfabetização e o letramento digital não estão desvinculados das demais alfabetizações e letramentos – da língua, dos números, da ciência, da expressão corporal. Em outras palavras, a alfabetização e o letramento digital deveriam ser inseridos no contexto atual, ou seja, deveriam fazer parte do processo educacional e, por isso, também foi pesquisado o descritor formação de professores para ampliação da reflexão.

## **2. Alfabetização e Letramento**

Vivemos em uma sociedade em que as habilidades de leitura e escrita são altamente valorizadas. Há um consenso de que essas habilidades são importantes para que os sujeitos interajam com seus pares de uma forma frutífera desde que a escrita foi inventada. Diante disso, ao pensarmos no processo de aprendizagem na fase da alfabetização tais concepções ganham ainda mais ênfase.

Sendo assim, saber usar tais habilidades com autonomia faz com que o indivíduo se desenvolva melhor nas relações sociais, consolidando o conceito de alfabetização apontado por Soares (2008) em que é considerado alfabetizado “aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade da língua é necessária”.

A realidade brasileira carece de bons resultados e nos leva a questionar trabalhos educativos voltados para atos mecânicos de reprodução de letras e palavras. Destacamos Freire (1967, p. 111) quando afirma “alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente”.

Uma relação que ganha diversos contornos no espaço escolar. De acordo com a história, dentro e fora da escola, a quantidade de disciplinas no processo de aprendizagem da leitura e da escrita tem nos fornecido a prova de que ainda não sabemos o que são disciplinas de letramento. Qual será o motivo? Se está ligado à metodologia utilizada no ensino ou ao desconsiderar o contexto social e cultural vivido pelas crianças, todos partem do desconhecimento do conceito, função e características ideológicas da alfabetização e, conseqüentemente, do letramento.

Para a discussão dos conceitos de alfabetização e letramento recorreremos ainda ao Glossário Ceale (2014) organizado pelas pesquisadoras Isabel Frade, Maria da Graça Costa Val e Maria das Graças de Castro Bregunci, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). O Glossário foi pensado para apoiar educadores que se dedicam à alfabetização e ao ensino e aprendizagem de leitura e escrita, especialmente, os professores da Educação Infantil e do ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental.

Os conceitos de alfabetização e letramento foram problematizados a partir da reflexão de Soares (2014, s/p) que apresentou:

A palavra alfabetização é de uso comum e frequente, não só no léxico específico de profissionais de ensino e da Educação, mas também no léxico de todos os indivíduos, alfabetizados ou não, de uma sociedade letrada. [...] Entre esses últimos, há em geral concordância quanto ao conceito que a palavra alfabetização nomeia: é o processo de ensinar a ler e escrever.

A autora continua e amplia a reflexão sobre letramento que define como o “desenvolvimento de habilidade de uso social da leitura e da escrita” (SOARES, 2014). Além disso, enfatiza o uso recente desse conceito, que surgiu pela necessidade de nomear essa nova prática pedagógica. Segundo a pesquisadora,

Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a

sociedade faz continuamente[...] novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las (SOARES, 2009, p. 20-21).

Quanto ao conceito de alfabetização e letramento, a autora contextualiza da seguinte maneira:

Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizando-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita; além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida, não como em concepções anteriores, com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2008, p. 92).

O letramento torna-se, então, um meio interativo de relação entre o sujeito e sua cultura, dando sentido ao processo de ensino aprendizagem e assim, desenvolvendo uma melhor condição de comunicação.

Soares (2004) já apontava a inadequação da utilização do conceito de letramento ao afirmar que:

[...] a invenção do letramento, entre nós, se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países, como a França e os Estados Unidos. Enquanto nesses outros países a discussão de letramento – *illtrisme, literacy e illiteracy* – se fez e se faz de forma independente em relação à discussão da alfabetização – *apprendre à lire et à écrire, reading instruction, emergente literacy, beginning literacy* - , no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento. O que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 8)

Percebe-se com a imersão na leitura de Soares (2004) a orientação da pesquisadora para a atenção ao não apagamento do processo de alfabetização.

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi assim, de certa forma obscurecido pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que como consequência, perde sua especificidade. (SOARES, 2004, p. 11)

Ao continuar a explanação a autora enfatiza a interdependência dos conceitos de alfabetização e letramento:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Dessa maneira, professores devem ficar atentos para a promoção e importância da conciliação dos conceitos de alfabetização e letramento com atenção ainda para a orientação de Soares (2004):

[...] integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro, uma vez que, no quadro desta concepção, não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica. (SOARES, 2004, 16)

São muitos os desafios, mas inicialmente, com atenção à orientação de Soares (2004, 2008, 2009, 2014), refletimos os conceitos de alfabetização e letramentos para a reflexão da utilização das TDICs como alternativa para a alfabetização de crianças.

### **3. Letramento digital e TDICs**

Com o propósito de sanar tais questões, a tecnologia é um importante instrumento que vem sendo desenvolvida com o passar dos anos, visando utilizar técnicas de conhecimento, teórico ou prático, de saberes científicos à produção em geral, como criação de softwares, dispositivos eletrônicos que oportunizam a aproximação de pessoas e

propiciam a busca de informações. No atual contexto, a tecnologia, tem se tornado crucial no meio educacional, pois além de aproximar o educador e o educando, auxilia no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, ao refletir sobre o processo de alfabetização percebi como a tecnologia é primordial para a vida escolar de uma criança. A aquisição das habilidades de leitura e escrita permite a inserção do aluno em um novo mundo quando ele passa a compreender melhor o mundo letrado e passa a ter autonomia sobre o seu processo de aprendizagem.

Muitos questionamentos tocaram-me para a escrita do texto como, por exemplo, ao perceber que a cada dia, mais e mais crianças são apresentadas ao mundo por meio de novas tecnologias digitais e que estas parecem ter habilidades inatas, questionei-me: onde as dimensões da educação da primeira infância e as novas tecnologias digitais se misturam?

A fim de responder esse questionamento, repensei a existência de usuários que nasceram em um mundo circundado pelas novas tecnologias e que usam as mídias digitais como parte integrante de suas vidas, os chamados nativos digitais (FRANCO, 2013; PRENSKY, 2001).

Muitos professores estão preocupados porque não dominam as tecnologias e não tiveram essa discussão em suas graduações e pós-graduações.

Dessa maneira, a busca na formação inicial e continuada de docentes para a ampliação de práticas que pensam a alfabetização e o letramento esbarrou na necessidade da reflexão sobre letramento digital.

O conceito de letramento digital nos foi apresentado por Coscarelli e Ribeiro (2014):

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Uma situação seria a troca eletrônica de mensagens, via e-mail, sms, WhatsApp. A busca de informação na internet também implica saber encontrar textos e compreendê-los, o que pressupõe selecionar as informações pertinentes e avaliar sua credibilidade (COSCARELLI; RIBEIRO, 2014, s/p)

O letramento digital torna-se essencial para vivermos na sociedade atual. Por sua vez, a escola, organizada da mesma forma há séculos, não acompanhou as mudanças sociais necessárias para ocupar o lugar de agência de alfabetização. E, a educação escolar está a cada dia desconectada daquilo que pode fazer algum sentido na vida do aluno. A formação de professores é exigente para tratar da complexidade das discussões relacionadas à alfabetização, letramento e letramento digital. Coscarelli e Correa (2018) ampliam a reflexão ao afirmarem:

[...] a leitura em ambientes digitais, especialmente on-line, envolve dois focos: a navegação e a leitura propriamente dita. A navegação diz respeito à busca pela informação, que implica a procura, a localização e a seleção de informação pertinente. Essas operações envolvem o uso de ferramentas como mecanismos busca, escolha de palavras chave, seleção das opções encontradas e dos links a serem consultados, monitoramento dos caminhos percorridos e foco nos objetivos da navegação. A leitura por sua vez, envolve uma análise mais aprofundada dos materiais encontrados, o que requer a compreensão mais detalhada deles, feita com base numa leitura mais atenta. Essa leitura envolve o entendimento dos textos identificados na navegação, bem como a articulação do material localizado em múltiplas fontes e das diferentes linguagens que compõe esse material. Assim, é importante destacar que o letramento digital requer a avaliação da pertinência das informações encontradas assim como a análise da credibilidade da fonte e autoria (COSCARELLI; CORRÊA, 2018, p. 385-386).

Assim como em toda pesquisa, o letramento digital requer análise cuidadosa de material encontrado em buscas, com atenção para credibilidade das informações e autoria dos textos. O professor deverá dar ênfase para a demanda mais exigente de estudo. A eles será solicitada cada vez mais atenção e cuidado em seus planejamentos e pesquisas.

Nos dias atuais, o desenvolvimento de uma nova sociedade tecnológica, está caracterizado pelas TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). Essas tecnologias mudam o cotidiano das pessoas, transformando o seu modo de viver, de trabalhar, de informar e de comunicar com outras pessoas. E, como as tecnologias se tornaram indispensáveis na vida de qualquer um, porque não as introduzir nas escolas? Temos que pensar que a escola tem o papel de educar e formar cidadãos para a sociedade.

Para isso, é fato que na Educação Infantil, quando usamos recursos tecnológicos, permitimos que as crianças tenham relação com imagens, sons e movimentos muito próximos do real. E nós, professores da Educação Básica temos percebido que o aprendizado da criança se torna expressivo se ela identifica isso em seu mundo, em seu todo.



Assim, as tecnologias digitais possibilitam um interesse e um envolvimento maior dos estudantes nas aulas por serem recursos nos quais eles utilizam, se aproximam e se interessam. A utilização de redes sociais proporciona interação entre alunos e professores, permitindo o envolvimento da língua com áreas tecnológicas.

Ao considerar as possibilidades do uso de redes sociais (Blog, Facebook e Youtube) como recurso didático-pedagógico para o desenvolvimento de práticas de leitura. Batista (2014) define práticas de leitura no Glossário Ceale e amplia nossa reflexão:

Na tradição pedagógica recente, a expressão *práticas de leitura* refere-se à (i) criação de situações reais de leitura em sala de aula, bem como à (ii) busca de apreensão e negociação dos significados que os aprendizes atribuem à leitura em geral, bem como à leitura de diferentes gêneros. Em se tratando da criação de situações reais de leitura, a noção pedagógica de práticas de leitura retoma, ainda que de forma ampliada, a de “usos sociais da língua escrita” ou de “usos sociais de leitura”. Ela busca recriar, no interior da escola, as práticas de leitura que ocorrem em outras esferas do mundo social e não apenas fazer atividades para aprender a ler (BATISTA, 2014, s/p).

Pensar em práticas de leitura e atividades que auxiliem o letramento digital de professores e estudantes nos direciona e instiga a buscar e valorizar a mediação no ensino aprendizagem, ainda na formação, considerando importante a visão de mundo de estudantes.

O desafio, para aqueles que assumem essa perspectiva, é fazer aprender a ler ao mesmo tempo em que se faz o aluno participar da cultura escrita, interagindo com textos reais, com propósitos efetivos e em busca da construção de sentidos. Versões mais radicais dessa perspectiva assumem que as atividades com o sistema de escrita só podem ocorrer no interior de práticas de leitura (ou de escrita); outras perspectivas julgam que é difícil e pouco proveitoso fazer a atenção do aluno voltar-se ora para a compreensão, ora para a o sistema, sendo necessário trabalhar alternadamente com uma e outra dimensão (BATISTA, 2014, s/p)

Para isso, deve ser dada atenção para os saberes do estudante e provocar sua participação. Os professores são incitados a repensar a sua formação para se incluir digitalmente. Por mais que as instituições de ensino utilizem tablets, computadores e outros recursos em sala, a educação não tem se transformado. As tecnologias digitais ainda não são utilizadas a partir de uma mediação atenta de educadores. Sendo assim, para que as tecnologias digitais, verdadeiramente transformem a educação, elas necessitam ser vistas como um material pedagógico da escola. E, sobretudo, deve estar unido à proposta pedagógica a fim de harmonizar o desenvolvimento do aluno.

#### **4. A formação de professores e o letramento digital**

O ser humano é um ser social que vive e se desenvolve por meio das interações e trocas que estabelece com seus pares por meio das relações sociais que vivencia. Com base nesse pressuposto o processo de aprendizagem só ocorre verdadeiramente por meio da interação e da mediação, sendo o professor no âmbito escolar o mediador desse processo, auxiliando o aluno no desenvolvimento das suas potencialidades, que não ocorre de forma espontânea.

Atualmente vivemos em uma sociedade altamente digital, cada vez mais tecnológica e virtual. Com o advento da tecnologia, o crescente acesso aos aparelhos tecnológicos e a internet, a sociedade passou a ter acesso às informações de forma mais fácil e rápida. Vivemos na era digital. Tudo o que nos cerca está direta ou indiretamente ligado ao mundo digital, desde os aparelhos mais triviais, como a televisão, até aos celulares e computadores.

Hoje por meio dos smartphones e tablets a informação e diversão está na palma da mão, de forma rápida e simples. Em meio a tais possibilidades ganha cada vez mais ênfase o ciberespaço e a cibercultura. O primeiro se configura como sendo o ambiente virtual onde as conexões e interações ocorrem superando as fronteiras. O segundo está ligado a relação da sociedade com as tecnologias e a vida social. Levy (2010) defende em seu livro Cibercultura, que “o surgimento das tecnologias digitais compôs a estrutura do ciberespaço, criando um novo espaço de comunicação e interação, e também um espaço para a informação e conhecimento”.

Para Kenski (2008) a questão do uso das tecnologias na educação é abordada, da seguinte maneira: “a educação e tecnologia são indissociáveis”. As tecnologias, ao longo do tempo, provocaram modificações na maneira de como fazer e pensar a educação. Com as TDICs, muitos paradigmas foram postos em xeque.

Atualmente, os alunos da Educação Básica já nasceram conectados ao mundo virtual, mostrando-se, nativos digitais. Esse contexto desafia as escolas e os professores a respeito do uso de novos recursos tecnológicos em prol do ensino. Torna-se perceptível a ideia de que já não é mais possível evitar a presença das TDICs na escola. Ao contrário, é preciso integrá-las à educação da melhor forma possível.

Sendo nativos digitais, os estudantes muitas vezes têm um maior conhecimento sobre o uso dessas tecnologias do que o próprio professor.

As novas tecnologias trazem para alguns professores uma série de medos e preconceitos. Também por isso refletimos a necessidade da formação de professores para a mediação atenta com as crianças.

Uma reflexão exagerada, é a mistificação de que tais tecnologias são a solução para todos os problemas anteriores a elas e, por conta disso, passam a ser usadas indiscriminadamente, inclusive em contextos absurdos.

A partir disso, Coscarelli (2011) comenta que a informática não poderá resolver todos os problemas:

A informática não vai substituir ninguém. Ela não vai tomar o lugar do professor e nem fazer a mágica da educação. O computador é uma máquina muito bacana, mas não faz tudo sozinho. É preciso que o professor conheça os recursos que ele oferece e crie formas interessantes de utilizar. Precisamos ter claro em nossa cabeça que melhor que um professor ensinar, é um aluno aprender (COSCARELLI, 2011, p. 19).

Kenski (2008) trouxe alguns exemplos dessa natureza em escolas dos EUA, nas quais, inclusive, algumas disciplinas foram retiradas do currículo por não poderem ser trabalhadas com o uso das “novas tecnologias”. Um ponto a ser levantado, é que as novas tecnologias podem requerer novas abordagens, ou seja, muitas vezes se faz uso de certos aparatos tecnológicos com a mesma abordagem tradicional, e isso pode ser desastroso. Se em uma aula presencial, na qual o professor é o “único” foco de atenção, pode ser tediosa, isso pode ser ainda pior a distância nesses mesmos moldes, com tantos outros atrativos à disposição do aluno.

De acordo com Coscarelli (2011, p. 20), “o computador pode ser usado como instrumento para muitas formas de ensino. O fato de usar a informática nas aulas não transforma instantaneamente o ensino em alguma coisa “moderna” e “eficiente”. Para Lévy (2010) suas ferramentas de comunicação social também contribuem no contexto educacional sobremaneira para a promoção da interação. Porém, o que chama a atenção nos estudos do autor são suas posições sobre a nova relação que o sujeito estabelece com os saberes:

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com

os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (LÉVY, 2010, p. 168).

Percebemos que a tecnologia digital é necessária para a construção da aprendizagem de maneira significativa e prazerosa para a criança, sendo que faz parte da vida dessa nova geração. É importante ressaltar que estes são os principais sujeitos da aprendizagem e precisam ser respeitados. Sendo assim, é importante que a prática pedagógica seja realizada e pensada considerando as peculiaridades e necessidades da criança. O professor não pode admitir o papel de simples transmissor de conhecimento e, a criança, de simples aprendiz.

Cada vez mais as tecnologias digitais estão sendo introduzidas na escola de Educação Infantil, mas não estão sendo usadas adequadamente. Não sendo agregada ao pedagógico, a sua utilização acaba sendo feita de maneira aleatória, sem um objetivo a ser atingido. Portanto, o aluno aprende a manusear as TDICs, mas não a vê como um utensílio para seu aprendizado. Isso se dá, até mesmo, pela falta de preparação dos profissionais.

Dessa forma, é possível perceber nas pesquisas que para além das tecnologias utilizadas nas escolas, faz-se necessário repensar a formação de professores para a criação de novas práticas pedagógicas na escola. A alfabetização com a utilização das TDICs traz inúmeros benefícios no ambiente escolar. A utilização da internet facilita a aquisição de informações e promove a comunicação, contribuindo para que o aluno desenvolva habilidades importantes para sua formação, tais como: o engajamento na aquisição de conhecimento, aumento da capacidade de leitura, aprendizado de como utilizar melhor as ferramentas tecnológicas, despertar do senso crítico e estimulação de sua autonomia. Com isso, a internet é um dos principais instrumentos na modalidade de ensino à distância, conseqüentemente no Ensino Temoto.

Já sabemos que a informática precisa entrar na escola porque ela pode ser um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos já excluídos em muitas outras situações. Muitos brasileiros não vão ao teatro, nem ao cinema, não frequentam bares e restaurantes, nunca visitaram uma galeria de arte, nem sabem ao certo o que é uma ópera ou um concerto. É muito difícil uma escola conseguir preencher todas essas lacunas e dar a seus alunos acesso a esse universo cultural. Assim também é difícil uma escola manter uma biblioteca atualizada com jornais diários e revistas semanais ou quinzenais (COSCARELLI, 2011. p. 20-21).

Contudo, a tecnologia fornece uma série de informações e facilidades para auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem na educação à distância. Porém, ainda não foi feito um estudo quanto aos desafios encontradas nessa modalidade, relatando dificuldades de

adaptação e, principalmente, ao acesso. Isso é devido a grande desigualdade social, o que leva a uma preocupação, já que interfere significativamente na formação do aluno.

Os educadores têm, na verdade, muito a ganhar com os recursos tecnológicos, pois eles se constituem em ferramentas capazes de tornar as aulas mais instigantes, diferenciadas e participativas. E, no caso dos alunos, é perceptível que eles ficam mais à vontade, sentindo-se motivados e, isso aumenta a sua autoestima e vontade de aprender. Os benefícios oferecidos pelos recursos tecnológicos na educação são muitos, possibilitando aos professores formas mais práticas, lúdicas, interativas e dinâmicas de se explicar este ou aquele conteúdo. Ao mesmo tempo os alunos se envolvem e desenvolvem a autonomia para resolver problemas.

Cabe, assim, ao professor o papel de estar engajado no processo. É importante que esteja consciente, não só das reais capacidades da tecnologia, do seu potencial e de suas limitações para que se possa selecionar a melhor forma de realizar sua prática pedagógica. Ainda é importante ter conhecimento sobre as reais possibilidades oferecidas pelas tecnologias de uma forma geral.

Segundo Garcia et al. (2000), o Ensino Remoto impulsiona o uso de novas tecnologias, mídias e ferramentas digitais, fundamentais para o processo da busca da informação da pesquisa e desenvolvimentos de projetos. Nesse sentido, concorda-se que o Ensino Remoto impulsionou ainda mais o uso de metodologias ativas no ensino a distância, das quais faz-se uso da interdisciplinaridade para desenvolver o trabalho de envolvimento ativo do aluno.

Dando continuidade, de acordo com Garcia (1998), a internet para a Educação pode ser considerada a mais completa, abrangente e complexa ferramenta de aprendizado do mundo, pois através dela é possível localizar fontes de informação que virtualmente oportuniza estudar diferentes culturas e áreas do conhecimento para lidarem com os novos recursos tecnológicos.

Cabe a educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie Homo sapiens. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na

unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (MORIM, 2003, p. 95).

Sendo assim, é imprescindível observar a diversidade humana antes de planejar suas práticas. A prática de formação pedagógica voltada para as tecnologias digitais, hoje cada vez mais presentes na sociedade, é indispensável a todos os profissionais da educação. Portanto, haverá um momento em que será impossível obter educação sem a utilização delas, mas, para que isso ocorra de forma significativa, os professores devem estar preparados para inseri-las em sua prática pedagógica, não apenas nos currículos e nos programas escolares.

Nesse sentido, motivada pela escola e pelo convívio com os colegas, a criança entende que o mundo deve ser buscado e não se pode esperar que ele seja oferecido, tanto pela escola quanto pela orientação familiar, como se praticava antes. Conforme o mesmo autor, associado ao avanço de uma pedagogia menos conservadora, em que a criança deixa de ser um simples depositário de informações, atualmente, o incentivo é pela busca ao conhecimento já nos primeiros anos escolares, nos quais as fontes primárias são os próprios meios de comunicação (em detrimento das tradicionais enciclopédias e livros didáticos). As crianças, naturalmente ávidas curiosas por tudo o que as cerca, são incentivadas cada vez mais a se apropriar do mundo pela mídia (MAGALHÃES, 2007, p. 78-79).

Assim, com o intuito de atender a perspicácia das crianças, o professor deve se adequar às inovações junto aos estudantes, deixando a postura de um ser inalcançável de outros tempos, para no momento estar junto às crianças. Esta nova atuação proporcionará uma via de mão dupla do docente para a criança e vice-versa, resultando ao longo dos métodos de ensino e aprendizagem, em uma construção eficiente de conhecimentos coletivos, compartilhados e, dessa forma, ambos se informam e constroem conhecimento.

Partindo desse pressuposto, a partir da evolução tecnológica foi possível romper barreiras como distância, flexibilidade de local de estudo e horário, além de proporcionar uma ampla exploração de dados e ferramentas que promovem a interatividade. Diante do cenário atual, medidas emergenciais precisaram ser tomadas no ensino, sendo necessário o investimento na distribuição de tablets, notebooks ou pacotes de internet para aqueles estudantes que necessitam. Além disso, muitas instituições educativas ofereceram cursos visando a melhoria no processo de ensino e aprendizagem, tanto do professor quanto do aluno.

Para tanto, é importante continuar buscando o aprimoramento a partir da experiência vivenciada, aproveitando da melhor forma os recursos que dispomos, procurando formar cidadãos prontos para superar os desafios da sociedade. De qualquer forma, podemos

observar que apesar das contribuições ofertadas pelos recursos tecnológicos, o Ensino Remoto deve passar por um processo de constantes melhorias, demandando planejamento e investimento.

## **5. Considerações finais**

Pensando a importância da utilização de novas tecnologias (TDICs) na escola para o auxílio no processo de alfabetização e letramento discutiu-se a relevância da formação de educadores que conseqüentemente tiveram também de pensar o letramento digital.

Um dos fatores de maior relevância para o processo de alfabetização de uma criança é sua interação com o professor e o ambiente alfabetizador.

Não há dúvidas que as novas tecnologias são alternativas significativas para a educação, alfabetização e letramento de crianças, ressaltando a urgência da implementação para o desenvolvimento do ensino, tanto no contexto remoto ou presencial, impactando diretamente na formação de professores e estudantes.

Entendemos também que a tecnologia sozinha não resolverá todos os problemas da escola. Mas percebemos a contribuição relevante das ferramentas com a mediação atenta de docentes para o processo de alfabetização e letramento de crianças.

Destaca-se que ainda temos docentes resistentes para esse aprendizado, mas a grande maioria preocupa-se e deve se adaptar às novas possibilidades de trocas e interações para a construção de saberes e fazeres.

Link de apresentação defesa TCC:

[dcz-jicz-uub \(2021-05-27 at 12:47 GMT-7\)](#)

## Referências

- BATISTA, A. A. G. Práticas de leitura. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.
- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (Orgs). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.
- COSCARELLI, C. V; CORRÊA, H. Letramento digital. In: **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. MILL, D. (Org.) Campinas, SP: Papyrus, 2018.
- COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. Letramento digital. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GARCIA, P. S. **A Internet como nova mídia na educação**. 1998. Disponível em:<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EAD/NOVAMIDI A.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/NOVAMIDI A.PDF)>. Acesso em: 15 mai. 2021.
- GARCIA, T. C. M.; MORAIS, I. R. D.; ZAROS, L. G.; REGO, M. C. F. D. **Ensino remoto emergencial**: orientações básicas para elaboração do plano de aula. Natal: SEDIS/UFRN. 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas (SP): Papyrus, 2008, p. 106. (Coleção Papyrus Educação).
- KLEIMAN, A. B. São Paulo. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. Parábola Editorial, 2006.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad.: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LORENZO, E. M. **A Utilização das Redes Sociais na Educação**: A Importância das Redes Sociais na Educação. 3 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2013.126p.
- MAGALHÃES A. P. F; RIBEIRO, M. R.; COSTA, T. F. **Tecnologia digital na educação infantil**: um estudo exploratório em escolas de Belo Horizonte.pdf.
- MAGALHÃES, C. M. **Do Pocinho ao Cabeças**: A televisão pelo olhar das crianças de Ouro Preto. Tese (Doutorado em Educação) – FaE/UFMG, Belo Horizonte, 2007. Disponível em:<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-857NFJ>>. Acesso em: 08 mai. 2021.
- MORAN, J. M. **Como utilizar a internet na educação**. Ciência da Informação, Brasília, DF, 1997.



SILVA, I. R. da, SILVA, R. de A. e. (2012). **As tecnologias e suas contribuições na educação**. Disponível em:<<https://administradores.com.br/artigos/as-tecnologias-e-suas-contribuicoes-na-educacao>>. Acesso em: 05 de abr. 2021.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr. nº 25. 2004.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Alfabetização. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

\_\_\_\_\_. Letramento. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

VALLE, L. de L. D. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: Intersaberes, 2003.